



A PEROLA



REVISTA QUIZENAL LITTERARIA

Dedicada ás damas Guimarãesenses

Redacção e Administração Rua do Conde D. Henrique, GUIMARÃES

Redactores: **H. S. Carvalho**
Redactor e Administrador,
Delphim G. S. G.

OFFICINA DE IMPRESSÃO
MINERVA, TYPOGRAPHIA GUISE
Guimarães
21 de MAIO de 1905

Preço da assignatura: anno 500 reis
Numero avulso 20 reis
Editor, **Gabriel Pereira de Mesquita**



AS SENHORAS NOVAS

Que poderemos nós dizer d'estes anjos volateis, seductores, risonhos e inebriantes, que não tenha sido dito ou sentido por todos aquelles que ainda conservam uma centelha de amor em seus corações.



Que as senhoras novas sam a fonte inexaurivel de encantos e seduccões, pela belleza de suas fórmãs, pela elegancia de seus movimentos, pela delicadeza e affabilidade de seu tracto, pela fina educação que manifestam em suas conversações, e pelo respeito votado a seus paes: é coisa sabida

por todos os que tem conhecimento d'ellas, e por todos os que sentem pulsar seus corações apaixonados.

Correi todo o paiz estrangeiro e por todo elle achareis mulheres bonitas e delicadas, typos verdadeiramente sympathicos, escondidos muitas vezes sobre as dobras do borel, e, quando muito, envolvidas em suas roupagens de chita; nas grandes cidades encontrareis muitas bellas que vos arrebatam, que vos prendem, que vos enlouqueçam; mas a profusão e variedade de gentilezas femininas que ha em Portugal, não as vereis em nenhuma outra parte.

Guimarães é o berço da belleza feminina, é o ninho d'estas aves do paraizo, cujas pluma-

gens finas e variadas produzem o mais bello matiz na imaginação dos rapazes que as contemplam.

E' o fóco d'onde dimana a luz vivificadora dos corações noveis e amantes. E' o throno em que se assenta altiva, mas risonha e meiga a um tempo, esta rainha do Universo, chamada formosura.



AMOR!



Mysterio profundo, sonho do espirito, divagação da alma!
Alegria cheia de dôres, dôr cheia de amarguras!
Sorrisos da alvorada e gelos do infortunio!
Prazer e tormentos, encantos e angustias!
Suspiros que nascem do seio e morrem nos labios transformados em sorrisos! Grinalda de flôres que acobertam espinhos! Trilho de rosas vermelhas, como o sangue que se depura no crysol de tormento, é vertido em lagrimas que nem todos comprehendem!

Amor!

Amar é agonisar. E' ter sêde e ver fugir o nectar dos labios; é ter fome e sentir as vertigens da agonia, ao ver affastar se o pão consolador.

Amor!

Tormento inventado pelo inferno para se antepôr ás delicias do sentimento, á tranquil-

lidade da vida, ao repouso da consciencia!

Quem ha ahi que não tenha amado ao menos uma vez na vida?

Quem ha ahi que não acalentasse illusões, que não d'esse vida, corpo e alma á chimera?

Quem não sentiu o inebriamento do espirito e a flaxidez do corpo, vergado a esse Deus poderoso, creador e destruidor, alegre e melancólico, sorridente e vertiginoso, capaz de crear herões e de fazer victimas, poderoso bastante para elevar e aniquilar?

Ninguém diga que não ama! Desgraçado d'elle. Terá que vir a amar um dia.

E quando ao amor succede a desillusão, quando a flôr da esperanza se desfolha e cahe, petala a petala, no lamaçal repugnante, quando o espirito accorda e a razão se faz clara e triumphante, ninguém tem sorrisos de descrença, nem frases de maldição.

Então uma nova dôr pungê e dilacera a alma.

Vem a saudade, e o homem sente amargos anceios; quizera antes continuar a viver na illusão!

E' que o amor é uma necessidade.

Formem um homem; dêem lhe ouvidos que ouçam; olhos que vejam; labios que fallem; mas não lhe dêem o coração, a grande força; mas não lhe dêem o sangue, o elemento da vida; mas não lhe dêem o calor, o impulsionador e o factor principal da existencia, e será como apenas se tivesse formado um homem de marmore.

Mas se ás faculdades de vêr, ouvir, fallar e pensar, se reunir um coração que pulse, um sangue vigoroso que percorra as arterias, um calor tepido que alente todo aquelle sêr, verão como os ouvidos prescurtam o espaço em busca de sons harmoniosos; como os olhos procuram as mais garridas plantas como os labios murmuram frases repassadas de sentimento; como o coração aneia por ter affectos; como o sangue circula mais rapido, mais impossivel, mais vivo!

Eu fujo dos que dizem que não teem amor, como fujo dos que prostituem o amor.

Os primeiros, ou são hypocritas, ou mentem a si próprios; os ultimos são incapazes de ter noções, por simples que sejam, da generosidade e da grandeza do espirito.

Espirito sem affecto é pedra rude e disforme.



DELICIAS e AMOR

(Conclusão)

Oh!... Leonor!... Quanto sou feliz em te ouvir essas doces palavras, essa tua voz tam meiga, essas palavras que traduzem um sentimento radicado no teu espirito, sentimento que brotou tam espontaneo, e que cá está, cá está

gravado no infimo da minha alma aureolada pela paixão que o gerou, illuminado pela chama de um amor infindo, sentimento com que se vê esse meu idyllio querido, esse idyllio dos nossos amores, que é o meu thesouro, que é o nosso thesouro, Leonor!...

—Amo-te muito, muito, Leonor!...

Ao preferir estas palavras, que foram com effeito as mais sinceras que a minha alma pôde relatar, Leonor, com um sorriso de doçura, cahiu em meus debeis braços, em que fiquemos por alguns instantes contemplando o azulado firmamento.

O sól sorria!... As aves cantavam, e os regatos gemiam!...

Um beijo ardente dei nas faces mimoseadas de Leonor; retirei-me satisfeitissimo, deixando a minha bem amada, e ouvindo o canto de toutinegra que, occulta entre a folhagem de uns salgueiros, fazia corte a philomela!...

Eis as delicias, eis o amor!...

R. S. Carvalho



NOITE !

A minha querida thia

Maria Constança

Noite! socia dos tristes, que acalentas
Tudo que em nós existe divino!
Comtigo irei—obscuro peregrino,
Sondar no ignoto a alma das tormentas.

Eu bemdigo o teu seio onde acalentas
Nossas ancias febris ao som d'um hymno;
Teu seio, onde as angustias vão sedentas
Beber como num lago crystallino.

N'este sonhar que o espirito dilata
Tambem ha filtro que embriaga e mata,
Como o perfido aroma das violetas...

Mas se a todos é lei a sepultura,
Abre-m'a tu, ó Noite, Noite pura!
Irmã da Morte—a noiva dos poetas!

Albertino R. Barros



AMOR!



Amôr! quadra da illusão
Que nos fere o coração
E que nos tritura a alma!
Amôr! miragem fagueira,
Visão azul, feiticeira,
Que o nosso penar acalma!

Amôr! tronco espinhoso
Que nos rasga impiedoso,
As fibras, o coração!
—Amôr! mytho de infancia,
Ambiente de fragancia,
Suspiros da viração!

Amôr! grito afflictivo
Do ladrão ao ser cativo
Por deixar seus filhos q'ridos!
—Amôr! beijos d'uma amante,
Murmurios da agua errante,
Das aves ternos gemidos!

Amôr! ferina serpente
Que nos mata lentamente
E que veloz nos devora!
—Amôr! riso de creança,
Sorrisos d'uma esperança,
Sêr que a paixão estiola!

Amôr! inferno maldito,
Descrença vil do proscripto,
Maldição do condemnado!
—Amôr! sonhos côr de rosa,
Libações de mariposa,
Ceu de luar estrellado!

Amôr! emfim, é a tirana
Morte que a vida insana
Nos arrasta á sepultura!
—Amôr! é a mãe soluçante,
Embalando o tenro infante,
Cantando com amargura!

Delfim Guimarães

INCRECULIDADE.

E p'ra que me serve este mundo,
A paz, socego profundo.
Se eu só tenho agonias?
Oh! vem a mim branda aragem,
Que do amôr, a linda imagem
Contentar não vem meus dias.



Que me importa a mim a vida
Se uma esp'rança d'alma q'rida
Não minora a minha dôr?
Se nas trevas d'um penar
Tu não me vens segredar,
Os mysterios do amôr!...

A. S. Carvalho

A TAÇA DA AMARGURA

"Ao sr. Guilherme J. Peixoto,

Oh não!—Eis de crystal a fulgida taça,
A taça do festim!
Ei-la aqui sobre a meza;—olhae amigos
Como sorri p'ra mim!

O nectar não contem; subtil veneno
Dentro d'ella expremi;
Ei-la na mão:—sem dôr te largo, ô mundo!
Já sonhei, já a vi.

Amigos, não choreis! que importa a vida,
Ou que importa o morrer?
Oh não valem um ai da vida os dias
Passados sem prazer!

Morrámos pois e já:—na mão segura
A taça ei-la aqui está!
Um só trago... e depois... frio cadaver
De mim só restará!

Vou unir-me outra vez á natureza,
Volto por onde vim;
Lá saberei o arcano do Universo,
Lá saberei meu fim!...

E tu, mulher divina, anjo que adoro
Té n'esta hora mortal!
Oh lembra-te de mim, sabe que foste
Minha idéa final!

Eu morro! adeus, Maria, anjo querido!
Comprende esta dôr!...
Oh mas longe de ti!...que angustia!...eu morro!...
Entende o meu amôr!...

"Do poema em preparo "Mysterios da Campa,

Albertino R. B.



FERIDO de MORTE

—Estão dobrando os sinos, ai! mãe por quem será?

—Por um homem, que, no mundo, só conheceu pesares.

—O que padecia elle?

—Da alma.

—Pois uma coisa immaterial pôde padecer?

—Sem duvida, minha filha; com horrenda intensidade!

—Mas, se o corpo pôde curar se ás vezes, tambem deve haver remedio para o espirito...

—Assim é, filha.

—Não comprehendo, mamã.

—Feridas padece a alma, que podem occasionar a morte, e cural-as só pôde a pessoa que as causa.

—Essa pessoa pode fazel-o, mamã?

—Quando quer.

—Jesus!... é muita crueldade ferir e negar-se logo a remeliar esse mal. Quem pode ser tão tyranno?

—O amôr, minha filha.

—Mas dizem que o amôr é um menino, mamã!

—Assim costumam pintal-o, mas é um gi-

gante em seus feitos e de condição mui tenaz!
—Esse infeliz, que morreu, nunca o moveu á piedade?

—Vivia com essa esperança, mas... perdeu a já. A sua ferida tornou-se mortal e succumbiu.

—E os que soffrem d'esse modo, não obterão algum premio, mamã?

—Sim, filha, premeia-os...

—Quem?

—Deus... na eternidade!

A.A.



ILLUSÕES

3

Que noite tão carrancuda. tão escura, tão fria, tão temerosa não era aquella!

Na immensidade da obobada celeste não se via scintillar uma estrella.

Para além, muito ao longe, fuzilava o relampago, cujo clarão, muito vivo, illuminava as cristas das montanhas e fazia vêr, nas altas regiões atmosphericas, o correr impetuoso de espessos nimbos, accossados pelo vento sul. Estes, de quando em quando, desfaziam-se em copiosa chuva.

Ah! nem quero que me lembre mais aquella noite!

Estava-se nos principios de novembro.

Às onze horas — se tanto era — seguia eu por um caminho sinuoso, dirigindo-me para minha casa. Perto d'um silvado, que confrontava com uma casita á beira do caminho, aligou-se-me um phantasma!

Por uma fresta da casita, coava-se um raio de luz, que, reflectindo-se nos olhos do espectro, parecia dar-lhes um brilho igneo!

Que susto eu não experimentei ao vel o!

Recuei horrorisado, arripiando-se me o corpo e o cabello!

—Fica-te — disse eu, fugindo espavorido.

No dia immediato, de manhã cedo, fui ter ao lugar, para vêr o que poderia ter sido aquella visão.

E querem saber o que era?

Nem mais nem menos do que flôres d'artemisia amarellas, illuminadas pelo raios de luz.

Quantos e quantos não teem visto coisas similhantes, e, afinal... tudo illusões.

A louca de Brito

(Continuação)

João, o portadôr da missiva, deixa-o ler, arrependido de se ter offerecido para levar a carta a Julio.

Rodolpho lê-a e relê-a umas quatro vezes, levanta-se chispando lume pelos olhos, cerra os punhos ameaçador e brada:

—Oh! nunca, nunca miseravel!

Depois mais soccegado:

—João, é preciso que entregues, sem falta, esta carta maldita a esse vilão.

Oh! vae, corre, eu t'o ordeno, vae...

—Mas... — tartamudeou o outro.

—Vae e sem perda de tempo.

Aponta-lhe o caminho, e o pobre João obedece humilde, caminhando, sem, sequer, dizer mais uma palavra.

Rodolpho levanta agora os braços para o ceu e diz, tremendo de colera:

—E' hoje, meu Deus, é hoje que vou executar a minha atroz vingança!

E' hoje que o sangue d'aquelle fanatico homem vae laivar a minha honra! Mas que importa?... Que importa se eu a amo tanto... tanto... tanto...

E deixou-se cahir sobre uma pedra, soluçante, com a cabeça apertada entre as mãos.

E a noite corre, apressada, as suas espessas cortinas marchetadas de macilentas estrellas, e tudo é silencio, apenas cortado por aquelle soluçar convulso, soluços que se perdem de quebrada em quebrada, voando nas azas da viração fagueira e mansa.

VII

Sentadas em duas tôscas e carunchentas bancas, perto da lareira, estão duas mulheres pensativas, sem proferirem palavra.

E' Leonôr e sua velha mãe.

Esta, de vez em quando, estaca com a filha querida, e parece ler-lhe no rosto a impressão que lhe tritura a alma.

Leonôr d'olhos fitos no lume que cripita com vivacidade, pensa em Julio, no seu bem amado Julio, e no desgosto, na afflicção em que vae deixar a pobre mãe, ao saber da sua fuga...

Parece ver os remorsos levantarem-se como negros phantasmas na sua frente, e ouvir os bradar.

—Oh filha ingrata, que fizeste dos carinhos de tua mãe?!... mulher deshonorada, p'ra que vendeste o pudôr a um miseravel d'essa forma?!...

Oh! eu te amaldiçou o, filha de Lusbel! ..

De repente estremece, um caíafrio percorreu-lhe a espinha, e solta um prolongado suspiro, levantando a loira cabeça, e envolvendo a velha mãe em um olhar do mais puro amor!